

21/12/2009

19 de dezembro de 2009, um ano sem

Genny de Ávila Rodrigues

No dia 19/12/2009 completou-se um ano do desaparecimento de minha mãe Genny de Ávila Rodrigues. Parece inacreditável que já tenha passado tanto tempo, pois ela ainda está vívida na mente de seus parentes, amigos, vizinhos.

Genny nasceu em 1925, na histórica cidade mineira do Serro, no centro do estado de Minas Gerais, a 300 quilômetros da capital. Sua formação cultural era bem serrana, bem interiorana, bem tradicional mineira. Ela e as duas irmãs – Conceição e Celma – foram educadas para cumprir o papel social padrão da época: curso Normal em um colégio dirigido por freiras católicas para se formarem professoras primárias e ensinar as crianças. Não chegou a lecionar no Serro: iniciou a carreira já na capital, e sempre trabalhou no Grupo Escolar José Bonifácio, no bairro de Santa Tereza.

Todas as suas origens remontam ao Serro, a Conceição do Mato Dentro e região. O pai Francisco Nominato de Ávila, o Chiquinho Nominato, passou pelos distritos de Tapera (atual Santo Antônio do Norte, em Conceição do Mato Dentro), de Paraúna (atual Costa Sena, também em Conceição), de Mato Grosso (atual Vila Deputado Augusto Clementino) até se fixar no centro do Serro, onde fez a sua história como comerciante. Sua loja seguia os costumes da época: ocupava o cômodo da frente da própria casa, bem perto da praça principal e da sempre lembrada rua da Cavalhada. O ambiente da casa e do trabalho se misturavam, se confundiam.

Casou-se com uma mineira também tradicional, Maria Cândida Jorge, filha de fazendeiros, originária do distrito de Rio do Peixe, hoje município de Alvorada de Minas. Outra mineira tradicional: dona de casa, vida voltada para a educação das três filhas e para os afazeres domésticos, além de prestar ajuda e apoio ao marido chefe-de-família. Sua pequena família contrastava com a da mãe, Henriqueta Cândida Reis, que gerou 23 rebentos, 18 dos quais chegaram à idade adulta.

Década de 1940, anos da Grande Guerra. E Chiquinho Nominato, já modestamente aposentado, achou que era a hora de seguir o caminho de outros tantos serranos: mudar-se para a jovem capital para tentar proporcionar uma vida que ele esperava melhor para as filhas e para os futuros descendentes delas. Escolheu o bairro de Santa Tereza, estimulado pela tia Regina Ávila Reis, que já tinha a sua casinha na rua Hermilo Alves, bem em frente ao Grupo Escolar José Bonifácio.

Em Santa Tereza encontrou-se com outros conterrâneos, como João Gabriel da Silveira Serrano, que criou a sua família na Rua Eurita, quase esquina com a rua Estrela do Sul. "Seu João" era serrano também no último nome, que não era de família: foi uma homenagem de seus pais ao fato de ter sido o primeiro bebê da cidade no século 20. Boa parte de seus descendentes ainda mora em Santa Tereza.

Na rua Dores do Indaiá, Genny de Ávila conheceu Eugênio Soares Rodrigues e ganhou outro sobrenome: casaram-se em 26/05/1951 e construíram um barracão no fundo da casa do pai, e de lá não saiu enquanto viveu. Lá criou os quatro filhos (Márcio, Flávio, Telma e Vânia), que também fixaram suas raízes nas proximidades.

Escolheu para trabalhar o Grupo Escolar José Bonifácio, e seu quadro-negro, verde como todos os negros dos quadros escolares, apresentou as primeiras letras e sílabas a toda uma geração de moradores da região.



Genny, Eugênio e os filhos em abril de 2005, quando ela fez 80 anos.

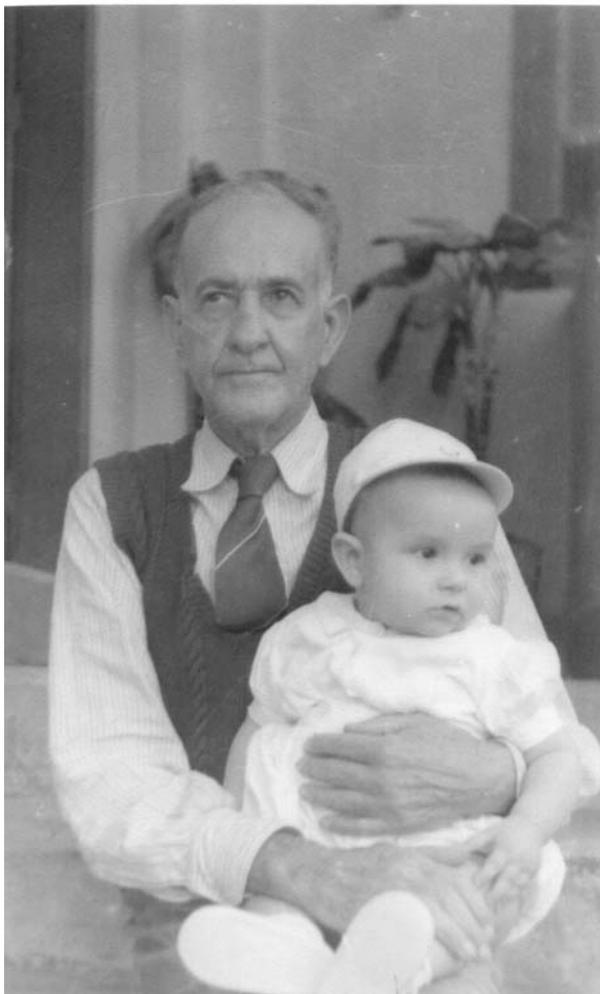
Genny de Ávila Rodrigues viveu e morreu sem passar por grandes problemas ou traumas. Teve a sorte – ou a benção – do destino, mas contribuiu com a sua parte: sempre foi alegre, calma e ponderada. Intelectualmente ativa, procurou conhecer o mundo, acompanhava as novidades e se adaptou às inevitáveis mudanças sociais.

Nem no fim conheceu o sofrimento: só os exames revelaram um problema no fígado, mas o organismo não resistiu ao pós-operatório e nos primeiros minutos da madrugada de 19 de dezembro de 2008 Santa Tereza, Belo Horizonte e o velho Serro ficaram mais pobres.

Planejei escrever algo assim logo após a sua última despedida e espalhar por jornais, sites e e-mails. Mas a inspiração não descia e a disposição não chegou. Paciência. Ficou para a data de um ano, o aniversário que misturou o gosto amargo do desaparecimento com as boas lembranças.



Henriqueta Cândida Reis, sogra de Chiquinho, morava na mesma rua do Serro, 100 metros acima.



Chiquinho Nominato e o neto Márcio (Belo Horizonte, final de 1954).



Genny e os filhos, aprox. 1964, Belo Horizonte